

“Macunaíma”, obra do modernista Mário de Andrade, representa personagens e elementos indígenas como parte da identidade brasileira, mostrando sua relevância no cenário nacional. Fora da ficção, percebe-se, no Brasil contemporâneo, que comunidades como a descrita pelo autor - caracterizadas pelos Quilombolas, Ribeirinhos, pescadores, entre outros - desempenham um importante papel, não somente no caráter da nação, mas, também, na preservação ambiental. Nesse sentido, é fundamental entender que a demarcação de terras para fins comercial e a atual estrutura da sociedade modernizada são preocupantes desafios para a valorização dessa parcela social.

Com efeito, é evidente que o uso do espaço das populações tradicionais impede seu urgente reconhecimento na sociedade. Isso porque, os mesmos são retirados de suas próprias casas em detrimento do avanço comercial, advindo da Revolução Industrial. Desse modo, o sujeito é atingido pelo que Lilia Schwartz, antropóloga brasileira, chama de falta de pertencimento à pátria, ou seja, o distanciamento de participação na cidadania. A partir disso é impossível que esses povos recebam seu devido valor, uma vez que nem mesmo, como cidadãos, são respeitados.

Ademais, cabe destacar que as transformações no mundo globalizado levaram à um repreensível preconceito com o modo de vida de comunidades como os pescadores, por exemplo. Essa situação ocorre, pois o coletivo brasileiro está inserido em um meio essencialmente capitalista e industrial, em que se trabalha e produz em grande quantidade. Tal perspectiva é analisada pelo filósofo Byung Chul-Han, que discorre que os indivíduos contemporâneos vivem em um ciclo acelerado de produtividade, que aumenta conforme os anos. Em relação à isso, é perceptível que a forma como vivem as populações tradicionais é vista com estranheza ao preservarem as antigas técnicas de serviço, pois contrariam o que Byung Chul-Han chama de “Sociedade do cansaço”.

Portanto, é notório que a demarcação de territórios e a visão preconceituosa sobre tão importantes grupos no Brasil são obstáculos para a sua valorização. Com isso, o Ministério da Educação deve ensinar acerca do papel desempenhado por esses, mostrando sua atuação na preservação da natureza e na história do país. Isso deve ser feito por meio de aulas em locais onde vivem tais populações com o objetivo de proporcionar a interação e o reconhecimento dos mesmos. Dessa maneira, pessoas como Macunaíma receberão seu espaço e seu valor na pátria, assim como almejava Mário de Andrade no século XX.